

**“SEM TERRINHA” EM MOVIMENTO**Ana Paula Pereira Sousa <sup>1</sup>Márcia Cristina Barragan Moraes Toledo<sup>2</sup>**RESUMO**

O “Sem terrinha” em movimento apresenta como objetivos desenvolver e melhorar a prática da identidade Sem Terra com as crianças do assentamento Bernardo Marin II. Essa comunidade é organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará, no município de Russas, no Vale do Jaguaribe, e possui uma trajetória de 18 anos de resistência em defesa da reforma agrária na região, que é marcada pela luta pela terra. Por um lado, há a disputa do campo pelos camponeses que lutam pela terra para morar e produzir e do outro lado, o agronegócio da fruticultura irrigada, monocultor e concentrador de terras. Refletir sobre a identidade Sem Terra é dialogar sobre uma coletividade construída pelas ocupações de terras, prédios públicos, marchas, a organicidade de seus acampamentos e assentamentos e para tanto se justifica o projeto desenvolvido. A metodologia abordada para o trabalho foi o modelo qualitativo, na forma de pesquisa de campo e a intervenção em que apresentamos como ferramentas foram as reuniões internas da comunidade, o levantamento de dados por meio de questionário respondido pelas famílias, as oficinas para apresentação da construção do assentamento para as crianças apresentando a simbologia da bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST, entre outras. Dentre os resultados alcançados destacamos que o projeto proporcionou na comunidade, espaços de debate com as crianças do assentamento para a construção da identidade das crianças Sem Terra, no mesmo sentido que envolveu a coletividade do assentamento como um todo no debate, tendo em vista que a mobilização das crianças para participar das oficinas foi por meio da própria organicidade da comunidade.

**Palavras Chaves:** Sem Terra, Identidade, Assentamento Bernardo Marin II, Educação do campo.

**INTRODUÇÃO**

O “Sem Terrinha em Movimento” foi um projeto de intervenção desenvolvido por meio da disciplina: Desenvolvimento de Práticas Educativas e Formação Docente no curso de licenciatura em Geografia em oferta única pelo convênio do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, Campus João Câmara com o Instituto de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, pelo Programa Nacional de Educação em Áreas de Reforma Agrária -PRONERA.

O “Sem Terrinha em Movimento” tem como objetivo desenvolver práticas de atividades que proporcionem às crianças do assentamento Bernardo Marin II, em

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Rio Grande do Norte-IFRN, Campus João Câmara- Curso Ofertado pela parceria INCRA-no PRONERA- Programa Nacional de Educação em Áreas da Reforma Agrária, [appsfd@gmail.com](mailto:appsfd@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora Visitante das disciplinas pedagógicas do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, IFRN – campus João Câmara – RN, [marciamoraestoledo08@gmail.com](mailto:marciamoraestoledo08@gmail.com)

Russas-CE do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Ceará/ MST- CE, ações que possibilitem fortalecer a Identidade Sem Terra, com a apresentação da história da comunidade, a simbologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST é um movimento de luta pela terra que nasce em 1989, em Cascavel-PA, está presente em 24 estados do Brasil nas suas formas de lutas realizam marchas, ocupações de terras improdutivas, ocupação de prédios públicos, o MST tem se organizado em acampamentos e assentamentos para construção de comunidades com acesso à educação, produção, comunicação e etc. É nessa imersão nas ações coletivas e na vivência nos territórios que se forma e constrói a identidade Sem Terra.

O assentamento Bernardo Marin II fica localizado no município de Russas-CE, na região Baixo Jaguaribe, com cerca de 50 famílias assentadas, é oriundo da luta pela terra realizada pelo MST- CE, no qual está organizada. A comunidade se organiza internamente em quatro núcleos de famílias, coordenação e assembleia que mensalmente se reúnem para deliberar sobre questões internas, possui ainda uma associação para fins jurídicos.

A luta pela terra na região do vale do Jaguaribe, se caracteriza por um enfrentamento direto de modelos para campo, executada pelos camponeses que querem terra para morar e produzir e do outro o agronegócio da fruticultura irrigada, monocultor e concentrado de terra, por isso MST-CE ocupar o perímetro irrigado do Tabuleiro de Russas na altura do quilômetro 145 Br 116 no triângulo de Flores, em 25 de abril de 2004, pautando terra e água para famílias Sem Terra. Uma ação de enfrentamento direto pelos trabalhadores no centro da produção da fruticultura irrigada do agronegócio no estado do Ceará e que ocasionou disputas entre as forças políticas da região.

Como resultado da ocupação foi desapropriada a fazenda São José e Açudinho e mais a concessão 240 hectares no perímetro irrigado no Tabuleiro de Russas, para implementação do Projeto de Assentamento. Hoje com 18 anos, o assentamento acessou créditos para construção das casas, o fomento I e II, reforma das casas, acesso ao Pronaf, além de outras projetos por conta de permanecer na luta, organizando e pautando junto aos órgãos públicos políticas públicas para reforma agrária como São José II E II, Adutora com água encanada para casa das famílias e por meio de parceria com a experiência com o' Fundo de Apoio para o desenvolvimento das Organizações de

Base - FADOC, implantação de uma área de produção coletiva no perímetro irrigado do assentamento.

O assentamento em suas reuniões, diálogos e debates afirma a importância da continuidade da luta, por isso desenvolve atividades de formação específica com mulheres, jovens e crianças. Nesse artigo nos deteremos a temática da prática da Identidade Sem Terra das crianças, como identidade política que são os “Sem Terrinha”, para MST a infância está em todos os espaços de lutas, marchas, encontros e formações. O MST desenvolve a Jornada dos Sem Terrinha realizada no mês de outubro em busca de ressignificar o dia da criança, o que potencializa os espaços para fortalecimento da identidade Sem Terrinha, como forma de apresentar a temática da luta específica das crianças à educação, ao direito ao lazer, à cultura à alimentação saudável.

O “Sem Terrinha em Movimento” tem o intuito de fortalecer a identidade Sem Terrinha, no sentido desenvolver práticas que promovam a socialização da história do assentamento com crianças da comunidade, para fortalecer a identidade Sem Terrinha através da simbologia do MST: músicas, palavras de ordem, hino, bandeira, etc.

Para que possa dar continuidade à luta pela terra na própria comunidade desde a infância, o MST realiza atividades formativas e organizativas com as crianças. Com o objetivo de reforçar a Identidade Sem Terra desde a infância, a partir do ponto de vista histórico e por questões sociais. Por isso, o não conhecimento pelas crianças da comunidade dessas simbologias é uma questão a ser abordada na comunidade, com isso o “Sem Terrinha em Movimento” ao desenvolver oficinas formativas amenizaria essa problemática da comunidade.

As crianças, do assentamento Bernardo Marin II, apresentam em suas atividades coletivas, o encontro dos Sem Terrinha, ação direcionada para as crianças de assentamentos e acampamentos, podendo ser realizadas em diferentes escalas como estadual, municipal ou por comunidade. A atividade quando realizada na comunidade as crianças não estão apresentando familiaridade ou reconhecimento da simbologia, tais como, as músicas cantadas tradicionalmente, a apresentação da bandeira, do hino e não participando efetivamente das animações, também conhecido como místicas, momento realizado antes do início das atividades do MST. O “Sem Terrinha em Movimento” tem por objetivo: desenvolver com as crianças do Bernardo Marin II, atividades que proporcionem o conhecimento ou o reconhecimento das simbologias do MST e com

isso ampliar e melhorar a prática da identidade Sem Terrinha, para a identificação da identidade Sem Terra em momentos coletivos, como também para continuidade a luta.

A partir das problemáticas apresentamos tais questões norteadoras, que pretendemos responder ao término da nossa pesquisa:

Por que as crianças do Assentamento não conhecem a simbologia do MST? Por que o assentamento não realiza outras atividades além do encontro dos Sem Terrinha com as crianças? Existem espaços de fortalecimento da identidade Sem Terra no assentamento? É por meio da socialização que o fortalecimento da identidade Sem Terra acontece?

Proporcionar para os Sem Terrinha do assentamento Bernardo Marin II, espaços de debate sobre a história de conquista da terra, como a construção da comunidade pelos seus pais; desenvolver com as crianças do Bernardo Marin II, atividades apresentando as simbologias do MST e com isso melhorar a prática da identidade Sem Terrinha, para a demonstração da identidade Sem Terra em momentos coletivos, como também a consolidação da luta pela terra.

## **FAZENDO O PERCURSO**

A metodologia abordada para o trabalho foi o modelo qualitativo, na forma de pesquisa de campo e a intervenção em que apresentamos como ferramentas foram as reuniões internas da comunidade, o levantamento de dados por meio de questionário respondido pelas famílias, as oficinas para apresentação da construção do assentamento para as crianças apresentando a simbologia da bandeira do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST.

Como ponto de partida, a sensibilização para as oficinas que ocorreu por meio de informe de conversa na coordenação da comunidade Bernardo Marin II, informe nas assembleias da comunidade e das reuniões dos núcleos de família, nos grupos de *Whatsapp* de comunicação interna da comunidade, e por conta das atividades a serem realizadas nas oficinas, as crianças mobilizadas foram de 8 a 12 anos.

O “Sem Terrinha em Movimento” realizou dois momentos com as crianças, dividido em duas oficinas, uma delas abordou a história da comunidade, realidade no dia 17 de janeiro de 2023, no qual foi abordado a história do assentamento, a partir de

questões: “Você sabe como era antes este lugar?”; “Como está hoje?”; “Como é o encontro dos Sem Terrinha?” A criançada interagiu, a partir das perguntas, apontando o diferencial do assentamento, das reuniões, das alvoradas dos aniversários, das reuniões, e apresentamos a bandeira do MST.



Imagem 1: Oficina realizada 17/01/2023  
Fonte: Arquivo Pessoal

No segundo momento, realizado em 21 de julho de 2023, foi trabalhado a simbologia do MST, apresentando a bandeira do movimento procurando resgatar o encontro anterior. Neste sentido, a bandeira foi apresentada e dialogado sobre o significado das cores, dos símbolos nela contido, como um homem e uma mulher, logo em seguida, o significado do punho esquerdo. Todo o diálogo foi trabalhado a partir das conversas e dos conhecimentos prévios das crianças. Assim, a proposta foi desenhar a bandeira em folha A4, como atividade prática.



Imagem 2: Oficina realizada  
23/02/2023  
Fonte: Arquivo Pessoal



Imagem 3: Oficina realizada  
23/06/2023  
Fonte: Arquivo Pessoal

O momento de interação com as famílias que seria um questionário no *Google Forms* apresentou limites para as devolutivas em tempo hábil para o fechamento da

pesquisa, impossibilitando a apresentação dos resultados, desde a falta de domínio da tecnologia pelo camponês, bem como o entendimento no texto das questões.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse percurso e nessa vivência, é importante ressaltar de que as crianças que nos referimos são aquelas que assimilam, que produzem e participam na escola e na comunidade. A autora abaixo descreve essa criança como dialética ou em movimento, como podemos observar no trecho a seguir:

A primeira consideração refere-se à concepção de que as crianças são agentes ativos na construção da cultura. Assim, contradizendo a perspectiva que as toma como seres passivos, entendo que elas (re)produzem, (re)constroem e transformam a cultura, impregnando-a de seus modos, pensamentos, críticas e desejos. Não se trata, contudo, nem de mera assimilação passiva, nem de produção autêntica, advinda de uma essência infantil natural, mas de uma relação dialética entre sujeito e sociedade, em cujas estruturas está engendrado. Estas, ao mesmo tempo em que o formam, também são formadas por ele. (ARENHART, 2023, p.2)

Além disso, o MST enquanto movimento social faz um debate de que o conjunto da família faz parte da organização, exemplo disso são os núcleos de base do assentamento de que quem é nucleada são as famílias da comunidade, portanto tornar sujeito social, grupos que não são chamados a participação na sociedade, como o caso das crianças, e as crianças do MST têm sua marca própria, os Sem Terrinha, como afirma Arenhart, a seguir:

Os “Sem Terrinha”, como as próprias crianças se denominam para marcar sua identidade de ser criança sem-terra, são, sobretudo, crianças em movimento, portanto, estão inseridas na dinâmica de um movimento social que também elas, como crianças, ajudam a construir. Ao mesmo tempo, não estando fora do contexto de uma sociedade desigual e excludente, trazem as marcas do mundo do trabalho, da fome, do frio, das dificuldades de se viver embaixo da lona preta, do sacrifício da luta cotidiana pela sobrevivência; seus corpos expressam sua condição de classe. (ARENHART, 2023, p.4, grifo da autora).

Por consequência, o MST como esse movimento em que todos tem espaço e se fazem sujeito da sua história na trajetória do movimento, os despossuída da terra que

agora luta por terra, educação e saúde, nesse sentido em suas ações tem a participação em encontros, formações, e lutas a participação de todos e todas.

Uma outra forma de lutar, além do trabalho, é a participação nos eventos do Movimento. Por eles o MST mostra-se à sociedade como um Movimento que agrega várias gerações, incluindo aí os mais excluídos historicamente de seus direitos, como os velhos, as crianças, as mulheres, os analfabetos, os sem-estudo, sem-emprego, enfim, os(as) não cidadãos(ãs). (ARENHART, 2023, p.10).

Além disso, podemos citar componentes comuns da identidade dos Sem Terrinha, entre quais as características dessa criança que vivencia sua infância em um assentamento ou acampamento do MST, que é um movimento social que está presente em 24 estados do Brasil, essa vivência no campo, a posição de classe, e organização que participar como aborda Arenhart, a seguir:

Embora haja diversidade dentro do próprio MST, é possível perceber alguns elementos comuns na constituição das experiências sócio-culturais das crianças que estão envolvidas na luta pela terra. Elementos como, a condição de viverem suas infâncias no contexto do mundo rural, pertencerem a classe trabalhadora e fazerem parte do MST. (ARENHART, 2023, p.4)

Dessa forma é importante ressaltar a forma como a luta é representada na infância Sem Terra por se diferenciar da dimensão dos adultos, o MST debate a criança enquanto sujeito por consequência o direito à infância, por meio da vivência infantil que se constrói a identidade Sem Terrinha, nos espaços de socialização do povo Sem Terra, sendo a formação no correr do viver do MST, conforme aborda texto do II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária -II ENERA:

Pensar a infância em todos os espaços do MST é pensar a criança no assentamento, no acampamento, nas marchas, nas mobilizações, nas reuniões, na produção, nas celebrações, nos conflitos, nas feiras, na família, na escola, no espaço físico etc. de modo que a luta popular e a organização coletiva devem ser pensadas como formativas e educativas para as crianças.(MST,2014.p.125)

Por outro lado, o conceito de identidade nos traz caminhos a serem traçados, sendo que identidade é afirmação de quem sou eu, assim como afirma Tadeu no seguinte trecho “A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que

sou"), uma característica independente, um "fato autônomo" (TADEU, 2000 p.74). Além disso, a afirmação da identidade perpassa por afirmar que diferente do outro como ressalta Tadeu a seguir "a diferença é aquilo que o outro é"(TADEU, 2000, p.74), identidade e diferença dessa forma caminham juntas porque quando se afirmam a identidade, se faz a distinção de algo, além disso, ao afirmar a identidade e, portanto, a diferença em sociedade conforme o autor pode considerar uma forma de questionamento das formas de poder.

Questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. No centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação. Não é difícil perceber as implicações pedagógicas e curriculares dessas conexões entre identidade e representação. (TADEU, 2000, p. 91)

A identidade e a diferença são construídas através de processos, não está dada identidade nem diferença como afirma Tadeu, elas não existiam anteriormente, fazem parte do movimento da sociedade.

A identidade e a diferença não são entidades preexistentes, que estão aí desde sempre ou que passaram a estar a aí a partir de algum momento fundador, elas não são elementos passivos da cultura, mas têm que ser constantemente criadas e recriadas. A identidade e a diferença têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição. (TADEU. 2000, p.96.)

Dessa forma considerando o que é identidade e diferença e os processos que envolvem sua formação igualmente a identidade Sem Terra se forma através das ações, processos que denominamos de prática que são desenvolvidas pelo MST, reuniões, marchas, ocupações. Caldart (2001) afirma o seguinte sobre como acontece esse processo formativo.

A formação dos Sem Terra nos remete a um processo de fazer se humano na história que está produzindo e sendo produzido em um movimento de luta social, também constituído como parte de um movimento sociocultural mais amplo; mesmo sem que os Sem Terra tenham plena consciência disso, tal movimento extrapola seus interesses corporativos e projeta novos contornos para a vida em sociedade. (Caldart, 2001. p. 4)

Como aponta Caldart a seguir, a identidade dos Sem Terra é a afirmação do ser na sociedade e que é semeada no MST.

Sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como afirmação de uma condição social: sem-terra, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas como uma identidade de cultivo: Sem Terra do MST (Caldart,2001, p.211)

Contudo, frisar a importância da infância para sociedade como um todo e que no MST está presente neste contexto social, e que seu debate da infância como uma perspectiva do movimento em que a criança está em todos os espaços, a criança tem papel político na organização, as atividades que são desenvolvidas, são direcionadas como afirma as discussões do II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária -II ENERA, a seguir:

Como qualquer outro grupo social, as crianças têm um papel fundamental na construção da sociedade, por isso seu lugar está em disputa e tem centralidade nos embates pela manutenção ou transformação da sociedade. (MST, 2014. p.125).

Além disso, no MST a criança está nos mais diversos espaços “o lugar da infância no MST é em todo lugar; ela é parte da nossa organização é parte fundamental da nossa vida e história” (Barros, 2011.p.5). Essa construção da identidade acontece através das suas simbologias como boné, hino, bandeira como afirma a seguir Barros.

Eles se definem e criam sua identidade por uma ausência: Ser Sem Terra. Criam também símbolos e emblemas que conformam e atualizam esta identidade, materializados nas nomeações de acampamentos e assentamentos, nos hinos, entre outros elementos de possível construção e fortalecimento de uma identidade individual e coletiva. (Barros, 2011, p.5)

As primeiras ações do MST com as crianças surgiram no estado do Rio Grande do Sul, em 1994, e nos intervalos de 1995 a 1997 ganhou corpo sendo realizado em diversos estados em que o MST está presente. Sendo um espaço da afirmação da identidade Sem Terrinha, organização das crianças, como reflete Ramos a seguir:

A forma organizativa do MST direciona o movimento da sua pedagogia também para a organização infantil, possibilitando o protagonismo das crianças Sem Terrinhas. Na avaliação e debate interno do MST, percebendo a capacidade de mobilização infantil com a realização dos Congressos Infantis, a identidade das crianças

no MST vai se fortalecendo e ganhando força nacional, tendo como principal referência a pedagogia que o MST vai construindo a partir da luta, da coletividade e da organização política. E, nesse percurso da ocupação da criança no MST, discute a mudança do nome Congresso para Encontros/jornadas/mobilizações. (RAMOS, 2016, p.128).

Entretanto, quando surgiu no Rio Grande do Sul, as atividades realizadas no mês de outubro se tornaram uma referência da luta e mobilização infantil, eram denominadas de Congresso infante juvenil, mas o próprio movimento concorda que as crianças fazem parte do conjunto da organização que realiza seu congresso nacionalmente a cada 5 anos, e que por isso essas ações deveriam ser nomeadas como encontros, jornadas ou mobilizações, o autor afirma:

como uma organização política, entendendo desde então que as crianças fazem parte do conjunto da estrutura organizativa do MST, o qual também realiza seus congressos a cada cinco anos, entende que os Sem Terrinha, são partes desse coletivo maior. Por isso, não seria necessário criar um congresso infantil, logo, este espaço político das crianças poderia ter outro nome, como: encontro estadual, regional, mobilizações e jornadas infantis dos Sem Terrinha. (RAMOS, 2016, p.128).

O MST através das suas jornadas realizadas com os Sem Terrinha devem elaborar uma nova dimensão para dia das crianças celebrado no dia doze de outubro, passando a ser, também, como sendo dia de luta, da afirmação da identidade Sem Terrinha, marcando essa data com afirmação da mobilização e de diversão para todas as crianças, se contrapondo ao ideário da sociedade de ser o dia da criança mais um momento de troca de presentes. Como observa Ramos (2016), que haja:

diversão, mas principalmente dando visibilidade ao sujeito criança. E, desde então, as mobilizações infantis do MST, em nível nacional, têm crescido e se tornado um marco na vida e na formação da infância dos acampamentos e assentamentos. (RAMOS, 2016, p. 129).

Desse modo, considerando a criança como dialética e que a criança Sem Terrinha tem componentes próprios como o meio rural e o fazer parte do MST, e a identidade como afirmação do seu ser, além de definir o que difere, a formação da identidade Sem Terra nas lutas, marchas, e que se forma por meio de processos, e como o MST constrói a participação da infância, se consolida o “Sem Terrinha em Movimento” que tem o intuito do fortalecimento da identidade Sem Terra no

assentamento Bernardo Marin II, tendo visto as problemáticas aqui apresentadas, que as crianças do assentamento não apresentarem familiaridade com a simbologia do MST, do mesmo modo que acontece a formação da identidade Sem Terra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho desenvolveu ações e práticas coletivas de fortalecimento da identidade Sem Terrinha com as crianças e assentadas e assentados do Assentamento Bernardo Marin II, que foram desde a participação nas atividades da comunidade no processo de mobilização, como os momentos de encontros com as crianças que proporcionaram momentos de socialização entre os Sem Terrinha, apresentação da história da comunidade com as crianças, contato com a simbologia do movimento com bandeira, boné, postura ao cantar o hino do MST, ao término dos momentos de interação.

Ao final das oficinas, foi possível observar um aumento no engajamento das crianças com as simbologias do MST, além de um maior interesse em participar de atividades coletivas relacionadas à identidade Sem Terra. As atividades práticas, como os desenhos da bandeira, permitiram que as crianças internalizassem o conhecimento de maneira lúdica, contribuindo para a continuidade da luta no assentamento e para o fortalecimento da identidade Sem Terrinha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade Sem Terra como prática social, que se constrói na vivência do MST, contudo percebe a necessidade de momentos específicos para trabalhar essa temática com os sujeitos nos acampamentos e assentamentos, de acordo com o público envolvido, por isso o “Sem Terrinha em Movimento” no assentamento Bernardo Marin II proporcionou tanto práticas para fortalecimento e aprimoramento da identidade “Sem Terra” com crianças, como um encorajamento na comunidade para realização dessas atividades com as crianças.

## REFERÊNCIAS

- ARENHART, Deise. **A educação da infância no MST: Olhar das crianças sobre pedagogia em movimento.** Disponível <<https://anped.org.br/sites/default/files/gt07309int.pdf>> Acessado em 15 de abril de 2023.
- ARENHART, Deise. **Pequenos Lutadores: Um estudo sobre a construção da infância**

no interior do MST. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1194> Acessado em 29 de abril de 2023.

BARROS, Monise Ravena de Sousa. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011, São Paulo. Disponível em <http://www.snh2011.anpp.org> Acessado em 15 de outubro de 2022.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos Sem Terra: o movimento social como princípio educativo**. Seminário Educação, Trabalho e Exclusão Social na América Latina, 1999, Rio de Janeiro. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-400142001000300016>. Acesso em 16 de outubro de 2022.

MST. II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária -II ENERA. São Paulo, 12 de dezembro. 2014.

RAMOS, Mara Marcia. **Educação, Trabalho e Infância: Contradições Limites e possibilidade no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Orientador: Doutor José Claudinei Lombardi. 2016. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

TADEU, Tomas da Silva. **A produção social da identidade e da diferença**. In: TADEU, Tomas da Silva (Org) *Indentidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.